

# Uso de drogas na família e avaliação do relacionamento com os pais segundo adolescentes do ensino médio

Elisângela Maria Machado Pratta

*Universidade Camilo Castelo Branco  
Descalvado, SP, Brasil*

Manoel Antonio dos Santos

*Universidade de São Paulo  
Ribeirão Preto, SP, Brasil*

---

## RESUMO

A literatura aponta um aumento considerável, e cada vez mais precoce, do uso de substâncias psicoativas por adolescentes. Assim este estudo objetivou identificar os tipos de substâncias mais consumidos pelas pessoas próximas aos adolescentes usuários e não usuários de drogas e verificar como os adolescentes de cada um destes grupos (usuários e não usuários) avaliam seu relacionamento cotidiano com os pais. Participaram deste estudo 568 adolescentes que responderam um questionário anônimo de auto-preenchimento. As análises envolveram: a) descrição da distribuição das variáveis; b) teste qui-quadrado. Verificou-se que o consumo de substâncias como álcool e tabaco por familiares foi significativamente maior no grupo de usuários do que no de não usuários. Por outro lado em relação ao uso de drogas pelos amigos, as diferenças estatisticamente significativas mostraram uma tendência maior ao uso de determinadas substâncias como álcool, tabaco, maconha, moderadores de apetite e anabolizantes. Os dados revelaram ainda que tanto os adolescentes usuários quanto os não usuários de drogas avaliam o relacionamento com a mãe como sendo “ótimo”. Estes dados demonstram a importância da avaliação de fatores familiares que podem estar associados ao uso de drogas na adolescência.

**Palavras-chave:** Uso de drogas; adolescência; família; relacionamento entre pais e filhos.

## ABSTRACT

*The use of drugs in the family and evaluation of relationship with the parents second adolescents of high school*

The literature has showed a considerable increase, each time earlier, from the usage of these substances by the adolescents. The purpose of this study was to identify the types of substances mostly used by people close to drug addicted and non-drug addicted adolescents and to verify how the adolescents of both groups evaluate the relationship between them and their parents. 568 adolescents took part in this work by answering an anonymous self-filling questionnaire. The analysis involved: a) the description of the distribution of variables; b) chi-square test. It was noticed that the consumption of substances such as alcohol and tobacco by relatives was significantly greater within the group of drug addicted than within the group of non-drug addicted. Regardless of drug addicted friends, the statistically differences were found in relation to some certain substances such alcohol, tobacco, weed, anabolic substances and appetite moderator. The adolescents from both groups evaluate the relationship whit their mothers as being “excellent”. This data shows the importance of the evaluation of familiar factors that might be associated with the drug addiction during adolescence.

**Keywords:** Drug addiction; adolescence; family; relationship.

## RESUMEN

*El uso de drogas en la familia y evaluación de la relación con los padres según adolescentes de la enseñanza media*

Estudios demuestran un aumento considerable y cada vez más precoz del consumo de drogas entre los adolescentes. Así, el presente estudio objetivó identificar los tipos de sustancias psicoactivas más consumidas por las personas próximas de los adolescentes usuarios y no usuarios de drogas y verificar como los adolescentes de cada uno de los grupos (usuarios e no usuarios) evalúan la relación cotidiana con los padres. Participaron 568 adolescentes que respondieron un cuestionario anónimo de auto-relleno. Los análisis involucraron: a) descripción de la distribución de las variables en la muestra; b) test qui cuadrado. Según los resultados el consumo de sustancias como alcohol y tabaco por la familia fue significativamente mayor en lo grupo de usuario con relación al grupo de no usuarios. En relación al uso de drogas por los amigos, las diferencias estadísticamente significativas evidencian una tendencia mayor al uso de determinadas sustancias como el alcohol, tabaco, marihuana, moderadores de apetito y anabolizantes. Los datos revelan aún que tanto los adolescentes usuarios quanto los no usuarios de drogas evalúan la relación con la madre como óptima. Estos datos presentan la importancia de la evaluación de los factores familiares asociados al uso de sustancias psicoactivas en la adolescencia.

**Palabras clave:** Uso de drogas; adolescencia; familia; relación entre padres y hijos.

---

## INTRODUÇÃO

O uso abusivo de substâncias psicoativas “na adolescência para alterar as percepções, os sentimentos ou o comportamento é comum entre os jovens na sociedade ocidental” (Scivoletto e Morihisa, 2001, 30) e tem sido muito discutido tornando-se tópico constante de debates, pois hoje o consumo de drogas na adolescência tem apresentado altas prevalências e tem sido cada vez mais precoce (Toscano Jr, 2001; Galduróz, Noto e Carlini, 1997).

Este crescente e precoce consumo de substâncias psicoativas pelos jovens, tem causado preocupações constantes na comunidade científica, nos profissionais de saúde e educação, bem como nos governantes e nas pessoas em geral, (Guimarães et al., 2004; Toscano Jr., 2001; Sáiz et al., 1999) tanto no Brasil quanto em várias partes do mundo (Galduróz et al., 1997), mobilizando grandes esforços na produção de um conjunto de conhecimentos referentes a este fenômeno (Muza et al., 1997).

A literatura recente da área aponta que o primeiro contato com a droga, geralmente ocorre na adolescência, pois este é um período marcado por muitas e profundas mudanças tanto físicas quanto psíquicas, as quais tornam o adolescente mais vulnerável (Silva e Mattos, 2005; Rebolledo, Medina e Pillon, 2004; Antón, 2000; Muñoz Rivas et al., 1999). Ou seja, por viverem um corpo e uma mente em constante transformação, fato que provoca um maior ou um menor sofrimento psíquico, os adolescentes constituem um grupo de risco em relação ao consumo de drogas (Rebolledo et al., 2004; Suárez e Galera, 2004).

Apesar dos adolescentes serem encarados como grupo de risco, no que diz respeito ao uso de drogas, a literatura, no geral, aponta que os fatores que podem levar estes a utilizarem drogas são variados, fato que caracteriza o fenômeno da drogadição como multideterminado. Os principais estão relacionados às características individuais e sociais, incluindo nesta última, a sociedade como um todo, a família e o grupo de pares (Outeiral, 1994).

Neste sentido os fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas estão relacionados a seis domínios da vida (o individual, o familiar, o escolar, o midiático, os amigos e a comunidade de convivência) que apresentam relações entre si, sendo que cada pesquisa na área enfatiza determinadas variáveis (por exemplo, sexo, idade, nível socioeconômico, desempenho escolar, uso de drogas na família etc) (Schenker e Minayo, 2005).

Sendo assim, quando se procura refletir sobre os motivos que podem levar um adolescente a consumir drogas, torna-se importante ressaltar que não são

pequenos motivos, ou uma única causa, que leva o mesmo a utilizar algum tipo de substância psicoativa. Geralmente, existe um conjunto de fatores que, ao atuarem no contexto no qual está inserido um determinado adolescente, acaba levando-o à utilização de drogas (Galduróz et al., 1997).

Frente a este contexto, muitos estudos realizados atualmente, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto internacional, que procuram verificar a prevalência do consumo de drogas entre os adolescentes e os fatores associados ao consumo e/ou não consumo, identificaram aspectos comuns que contribuem ou que afastam o jovem do uso abusivo de substâncias psicoativas.

Segundo Scivoletto e Andrade citados por Toscano Jr. (2001), os principais fatores de risco são: “a) uso de drogas pelos pais e amigos; b) desempenho escolar insatisfatório; c) relacionamento deficitário com os pais; d) baixa auto-estima; e) sintomas depressivos; f) ausência de normas e regras; g) tolerância do meio às infrações; h) necessidade de novas experiências e emoções; i) baixo senso de responsabilidade; j) pouca religiosidade; k) antecedentes de eventos estressantes; l) uso precoce de álcool” (p. 286-287). Além destes fatores, Beutelspacher et al. (1994) acrescentam a esta lista um outro fator considerado importante: a existência de alguma psicopatologia.

É importante destacar que os fatores considerados de risco geralmente aparecem em conjunto, embora possam ser agrupados em categorias, as quais envolvem desde características específicas do indivíduo até aspectos próprios da fase da adolescência, além de destacar aspectos referentes à família (Toscano Jr., 2001).

Neste sentido, Fuller e Cavanaugh citados em Medeiros e Chung (1999) embora abordem alguns dos aspectos acima apresentados, os mesmos procuram agrupar os fatores de risco relacionados ao abuso de drogas em categorias mais gerais, da seguinte forma: a) Fatores Familiares: neste caso são ressaltados aspectos do contexto familiar como história de alcoolismo ou de uso de drogas na família, permissividade ou autoritarismo e conflitos familiares; b) Problemas comportamentais: nesta categoria os autores pontuam aspectos como comportamento antissocial, negativismo, baixa adaptabilidade, impulsividade, agressividade, experiência sexual precoce e problemas de atenção; c) Fatores escolares: neste grupo estão localizados aspectos como repetência precoce, falta de compromisso escolar além da não realização das tarefas escolares solicitadas; d) Amigos/companheiros que utilizam drogas; e) História de abuso sexual; f) Fatores sociais: como fácil acesso às drogas, tolerância ao álcool e às drogas ilícitas, vizinhança desorganizada, deteriorada e superpopulosa.

Entretanto, por outro lado, existem os fatores que podem ser considerados de proteção. Segundo Sloboda e David citados por Toscano Jr. (2001) estes são: “a) fortes vínculos com a família; b) experiência de supervisão dos pais, com regras claras de conduta dentro do núcleo familiar e envolvimento dos pais nas vidas de seus filhos; c) sucesso no desempenho escolar; d) fortes vínculos com instituições sociais, tais como família, escola e organizações religiosas; e) adoção de normas convencionais sobre o uso de drogas” (p. 289). A estes fatores, Hawkins, Catalano e Miller citados por Medeiros e Chung (1999) acrescentam ainda, a crença em normas e valores da sociedade por parte dos adolescentes.

Entre os fatores de risco e os de proteção, um grupo específico chama a atenção na atualidade: os fatores familiares. Estudos realizados com adolescentes que consomem drogas têm demonstrado que diversos aspectos do universo familiar podem atuar como fatores que propiciam o envolvimento dos adolescentes com substâncias psicoativas (Antón, 2000; Recio, 1999; Sáiz et al., 1999), enquanto existem aspectos deste mesmo contexto que podem funcionar como fatores preventivos. Em função deste quadro, nas últimas décadas foram desenvolvidos vários estudos procurando compreender a estrutura, a dinâmica e a influência da família no fenômeno da farmacodependência (Rezende, 1997). Neste sentido, Vakalahi (2001) pontua que os fatores de risco e de proteção específicos da família envolvem tanto o relacionamento com os irmãos e com os pais, bem como características familiares gerais. Isso porque, o contexto familiar apresenta uma influência significativa no processo de desenvolvimento do indivíduo, sendo que, segundo Muza et al. (1997) a qualidade das relações intrafamiliares são essenciais neste processo, fato que torna fundamental compreender o papel da família no que se refere ao uso de drogas pelos adolescentes.

Assim, entre os principais fatores familiares de risco identificados em diversas pesquisas destacam-se: separação dos pais, rejeição pelos mesmos, problemas de relacionamento, conflitos familiares, uso de álcool ou drogas por pais e irmãos, ausência de normas e regras claras (limites), falta de apoio, de diálogo e de orientação. Toscano Jr. (2001), acrescenta ainda a falta de relações afetivas precárias e a falta de acompanhamento e monitoramento constante dos filhos por parte dos pais.

Por outro lado, aspectos como fortes vínculos com a família, a qualidade dos mesmos, relacionamento positivo (Toscano Jr., 2001), a preocupação dos pais com a vida dos filhos, o estabelecimento de normas e regras claras a serem cumpridas pelos filhos, possibilidade de diálogo e negociação, convencionalismo e equilíbrio

funcionam como fatores que podem proteger o indivíduo em relação ao uso de drogas, pois quanto mais forte forem tais fatores, menor será, por exemplo, a influência do grupo de usuários sobre o indivíduo (González, 2001; Toscano Jr., 2001).

Recio aponta, ainda, que as condutas dos pais podem estar associadas ao consumo de drogas pelos filhos. Os pais com menor probabilidade de terem filhos adolescentes envolvidos com drogas ou que desenvolvam condutas anti-sociais são aqueles que estabelecem uma boa relação afetiva e de apego com os filhos, que não consomem nenhum tipo de drogas (lícitas ou ilícitas) e “que não possuem atitudes convencionais ou de conformidade com as normas sociais estabelecidas, entre elas a intolerância com as drogas” (1999, p. 203).

Um outro estudo realizado por Volk et al. citados por Rezende (1997) que buscou comparar famílias com dependentes de drogas e famílias sem problema de uso de substância psicoativa, constatou que a grande diferença significativa entre os grupos encontra-se na variável “grau de coesão” da família, o qual é menor nas famílias de usuários, uma vez que estas foram caracterizadas como sendo mais desligadas e descompromissadas do que as famílias dos indivíduos que não utilizam substâncias psicoativas.

Pode-se verificar que um bom funcionamento familiar, que tenha coesão e adaptabilidade moderados correlaciona-se positivamente com os fatores protetores e preventivos do consumo de drogas na adolescência (Recio, 1999). Assim, pode-se dizer que os fatores de proteção acima relacionados são necessários para o bom desenvolvimento e para a formação do indivíduo visando a sua atuação futura no contexto social, pois segundo Wagner et al. (1999) o contexto familiar apresenta um papel importante em relação ao bem-estar do adolescente, sendo que a percepção que o jovem possui do relacionamento parental relaciona-se diretamente a um melhor ou pior nível em termos de bem-estar. Neste sentido, dados de pesquisas recentes apontam que os adolescentes que percebem os relacionamentos com os pais como conflituosos tendem a apresentar um pior nível de bem-estar.

É necessário então, procurar compreender um pouco mais a influência dos fatores familiares no que diz respeito ao uso e não uso de substâncias psicoativas. Sendo assim, o presente estudo objetivou: a) identificar quais os tipos de substâncias mais consumidos pelas pessoas próximas aos adolescentes de cada grupo considerado para o estudo (usuários e não usuários de substâncias psicoativas) procurando notar se existem diferenças significativas entre os mesmos; b) verificar como os adolescentes de cada um destes grupos avaliam seu relacionamento com os pais no dia a dia.

## MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal do tipo levantamento por amostragem (*survey*), exploratório e descritivo. A população-alvo da investigação foi constituída por adolescentes com idades entre 14 e 20 anos, que estavam cursando o ensino médio, tanto em escolas públicas quanto em escolas da rede privada de uma cidade com cerca de 192.923 habitantes do interior do Estado de São Paulo. Em função do número elevado de adolescentes com o perfil estabelecido, foi selecionada uma amostra dessa população. Para a seleção, adotou-se o método de amostragem probabilística por conglomerados (escolas) e estratificada (considerando-se diferentes regiões da cidade, definidas por certas características socioeconômicas, dentro das quais estavam localizadas as escolas). No primeiro estágio foram sorteadas as escolas e no segundo foram levantadas as turmas das escolas previamente sorteadas que participariam da pesquisa. Este procedimento também foi aplicado em outros estudos realizados no contexto brasileiro (Galduróz et al., 1997).

Desta maneira participaram deste estudo 568 adolescentes, de diferentes níveis socioeconômicos, que estavam cursando o ensino médio nas escolas e nas turmas previamente sorteadas, devidamente autorizados pelos pais e/ou responsáveis.

Destes, foram considerados dois subgrupos específicos de adolescentes inerentes à amostra: a) usuários de substâncias psicoativas: aqueles adolescentes que já experimentaram ou fazem uso de drogas, exceto álcool e tabaco ( $n=134$ ), sem prescrição médica; b) não-usuários: os adolescentes que nunca utilizaram nenhum tipo de substância psicoativa ( $n=57$ ).

Os questionários utilizados para coleta de dados eram compostos, em sua maioria, por questões fechadas, sendo estes de auto-preenchimento e sem identificação pessoal, os quais foram previamente testados em um estudo piloto com a finalidade de corrigir as imperfeições e testar o procedimento de coleta de dados. Um dos questionários, denominado “Conhecimentos e Opiniões dos Adolescentes sobre o uso de drogas”, apresentava 62 questões fechadas, abordando dados gerais sobre o participante e sua organização familiar, e questões que avaliavam o nível de conhecimento, as opiniões sobre o uso de substâncias e o padrão de consumo de substâncias psicoativas por parte dos adolescentes.

O outro instrumento utilizado foi o questionário “Adolescente e família: caracterização dos relacionamentos interpessoais” o qual era composto por cinco questões fechadas e quatro questões abertas,

as quais tinham por finalidade verificar como os adolescentes avaliavam seu relacionamento com os pais. As cinco questões fechadas foram selecionadas do “Questionário sobre o uso de drogas” desenvolvido por Galduróz, Noto e Carlini (1997). Este instrumento foi aplicado pelos autores em estudantes do ensino fundamental e do ensino médio de dez capitais brasileiras. Por outro lado, as questões abertas que solicitam uma reflexão dos adolescentes sobre determinados aspectos, foram elaboradas pela própria pesquisadora. O questionário resultante deste processo foi denominado “Adolescente e família: caracterização dos relacionamentos interpessoais”.

A coleta de dados foi realizada apenas pela pesquisadora responsável pelo projeto. Os dias e horários para a realização da coleta de dados foram definidos previamente com os coordenadores(as), professores e adolescentes das escolas e das turmas sorteadas. Os questionários eram distribuídos e não era determinado um tempo para o término do preenchimento destes. Para garantir o sigilo das respostas, os estudantes depositavam o questionário preenchido em uma urna lacrada. A aplicação do instrumento foi realizada coletivamente nas turmas sem a presença do professor. Quando necessário, foram realizadas até duas revisitas à escola com a finalidade de aplicar os instrumentos com os alunos ausentes.

Os dados foram analisados utilizando-se o programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 10.0. Os cálculos utilizados no processo de análise foram: a) descrição da distribuição das variáveis; b) cálculo do Qui-quadrado (teste  $\chi^2$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um primeiro dado a ser apresentado, refere-se ao levantamento dos tipos de substâncias utilizadas frequentemente por pessoas próximas aos adolescentes tanto no contexto familiar (pai, mãe e irmãos) quanto fora do mesmo (amigos), segundo as afirmações dos próprios adolescentes. Os dados obtidos para a variável em questão encontram-se descritos na Tabela 1 a seguir.

Os resultados obtidos e retratados na Tabela 1 mostram que o consumo de substâncias como álcool e tabaco por pessoas próximas aos adolescentes, especialmente no caso dos membros da família (pai, mãe e irmãos) foi significativamente maior no grupo de usuários do que no grupo de não usuários.

Em se tratando do álcool, nota-se que, segundo os adolescentes usuários, 38,8% dos pais consomem esta substância regularmente, enquanto no caso da mãe, a frequência de uso regular da mesma foi de 7,5%.



TABELA 1  
Uso na vida de substâncias psicoativas por adolescentes inseridos no ensino médio considerando-se a variável “uso regular” de substâncias psicoativas por pessoas próximas aos adolescentes participantes do estudo.

Tipos de Drogas	Usuário (n=134)								Não usuário (n=57)							
	Uso frequente pelo(a)								Uso frequente pelo(a)							
	Pai		Mãe		Irmão		Amigo		Pai		Mãe		Irmão		Amigo	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Álcool	52	38,8*	10	7,5*	32	23,9*	92	68,6*	14	24,6	1	1,8	7	12,3	20	35,1
Tabaco	40	29,8*	31	23,1*	23	17,2	97	72,4*	8	17,5	10	17,5	3	5,3	22	38,6
Maconha	1	0,7	1	0,7	4	3	62	46,3*	0	0	0	0	2	3,5	14	24,6
Cocaína	1	0,7	0	0	3	2,2	26	19,4*	0	0	0	0	2	3,5	4	7
Crack	0	0	1	0,7	0	0	18	13,4	0	0	2	3,5	2	3,5	5	8,8
Moderadores	1	0,7	9	6,7	5	3,7	16	11,9*	0	0	1	1,8	1	1,8	3	5,3
Lança-perfume	0	0	1	0,7	5	3,7	22	16,4*	0	0	0	0	0	0	3	5,3
LSD	0	0	1	0,7	0	0	8	6	0	0	1	1,8	0	0	1	1,8
Calmantes	4	3	20	14,9*	1	0,7	11	8,2	0	0	1	1,8	1	1,8	3	5,3
Cola de sapateiro	0	0	0	0	0	0	18	13,4	0	0	0	0	0	0	5	8,8
Heroína	0	0	0	0	0	0	8	6	0	0	0	0	0	0	3	5,3
Morfina	0	0	0	0	0	0	7	5,2	0	0	0	0	0	0	2	3,5
Chá de cogumelo	0	0	0	0	1	0,7	15	11,2	0	0	0	0	0	0	3	5,3
Chá de lírio	0	0	0	0	0	0	4	3	0	0	0	0	0	0	2	3,5
Clorofórmio	0	0	0	0	0	0	6	4,5	0	0	0	0	0	0	2	3,5
Acetona	0	0	1	0,7	1	0,7	11	8,2	0	0	0	0	0	0	3	5,3
Ecstasy	0	0	1	0,7	1	0,7	8	6	0	0	0	0	0	0	2	3,5
Mescalina	0	0	0	0	0	0	9	6,7	0	0	0	0	0	0	2	3,5
Anabolizantes	1	0,7	0	0	2	1,5	18	13,4*	0	0	0	0	1	1,8	3	5,3
Barbitúricos	1	0,7	2	1,5	1	0,7	5	3,7	0	0	0	0	0	0	3	5,3

\* Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de adolescentes abordados nesta questão (Teste do Qui-quadrado).

No grupo de adolescentes não usuários as frequências são menores, sendo 24,6% para o pai e 1,8% para a mãe. Sendo assim, no caso específico do consumo de álcool pelo pai, pode-se dizer que as diferenças verificadas entre os dois grupos de adolescentes são estatisticamente significativas, o que significa que os pais dos adolescentes usuários costumam utilizar mais regularmente o álcool do que os pais dos adolescentes não usuários ( $p < 0,05$ ).

Entretanto, é importante notar que a influência do uso de álcool pelos pais em relação aos filhos, é um dado controverso na literatura, uma vez que existem estudos que apontam esta influência enquanto outros afirmam que a mesma não ocorre (Barría et al., 2000).

Sendo assim, por exemplo, pensando no uso de álcool pelo pai e pela mãe, Galduróz e Noto (2000) identificaram em seu estudo que dos adolescentes que relataram “uso pesado de álcool”, 68,4% afirmaram que os pais costumam “beber muito” enquanto que a frequência para a mãe foi de 6,2%. Por outro lado, Beutelspacher et al. (1994) constataram em seu estudo que o uso de bebidas alcoólicas pelos pais dos adolescentes não se associou significativamente ao uso de substâncias psicoativas pelos adolescentes.

Entretanto é importante pontuar que existem diversos estudos na literatura que apontam um maior

risco de dependência de álcool quando existe no contexto familiar próximo, história de alcoolismo, particularmente dos pais (Nunes, et al. 1999).

Em relação ao tabaco, as frequências também são diferentes para ambos os grupos, considerando-se, em um primeiro momento, o uso regular pelo pai e pela mãe dos adolescentes. Os dados revelam que um percentual significativamente maior de adolescentes do grupo de usuários afirmou que o pai e a mãe costumam utilizar regularmente tabaco (29,8% 23,1% respectivamente), comparativamente aos percentuais verificados para os adolescentes não usuários, tanto no que diz respeito ao uso de tabaco pelo pai (17,5%) quanto no que se refere ao uso desta substância pela mãe (17,5%) ( $p < 0,05$ ).

Em relação a este dado, pode-se dizer que existem estudos na literatura que constataram o fumo pelos pais como sendo um fator de risco para o tabagismo no período da adolescência (Barbosa, Carlini-Cotrim e Silva Filho, 1989). Entretanto, é importante notar também, que existem outros estudos na literatura da área que não encontraram associações entre o hábito de fumar dos pais e o uso de substâncias psicoativas pelos filhos.

Estudo realizado por Horta et al. (2001) com adolescentes residentes na zona urbana de Pelotas (RS), por exemplo, focalizou particularmente o uso de tabaco

pelos mesmos e constaram, em linhas gerais, que “o tabagismo por parte dos pais não influenciou o hábito fumar dos seus filhos, sugerindo que as influências sobre a decisão do adolescente fumar estão localizadas fora do domicílio e presentes no meio externo de convivência” (p. 163).

Porém, Nunes et al. (1999) salientam que o risco de dependência do tabaco assim como o risco de dependência do álcool é maior para os indivíduos que apresentam história familiar de uso destas substâncias, principalmente por pessoas próximas, como os pais.

Por outro lado, considerando-se o uso de álcool e tabaco pelos irmãos dos adolescentes foi possível verificar que entre os adolescentes usuários, 23,9% afirmaram que os irmãos costumam utilizar regularmente álcool, enquanto no grupo de não usuários a frequência observada foi de 12,3%. No que diz respeito ao tabaco, 17,2% dos adolescentes usuários pontuaram que os irmãos utilizam regularmente esta substância, enquanto apenas 5,3% dos adolescentes não usuários retrataram o uso desta droga pelos irmãos, diferença esta estatisticamente significativa entre os grupos considerados para esta análise ( $p < 0,05$ ).

Nesta direção, pode-se pontuar que existem estudos que apontam uma associação entre o uso de tabaco por amigos e irmãos e o uso desta substância pelos indivíduos na adolescência. Sendo assim, alguns estudos enfatizaram que o tabagismo tanto do grupo de amigos quanto dos irmãos foram considerados como fatores de risco associados de forma significativa ao tabagismo pelos adolescentes (Ivanovic, Castro e Ivanovic, 1997).

Em relação às demais drogas abordadas neste estudo (excetuando-se o álcool e o tabaco) as frequências de uso regular destas substâncias por familiares dos adolescentes (pai, mãe e irmãos) foram baixas para ambos os grupos. Entretanto alguns pontos necessitam ser destacados, especialmente no caso da mãe e do pai dos adolescentes.

Considerando-se o uso regular de calmantes pela mãe, os dados descritos na tabela revelam que os adolescentes usuários afirmaram com maior frequência o uso desta substância pela mãe comparativamente ao percentual verificado para o grupo de adolescentes usuários no que diz respeito a esta mesma questão (14,9% e 1,8% respectivamente) ( $p < 0,01$ ).

Este é um dado interessante, pois o uso de benzodiazepínicos e outros depressores do SNC no contexto familiar é algo frequente, uma vez que é comum encontrarmos pessoas que fazem uso constante deste tipo de substância, seja para relaxar, para dormir ou por algum outro motivo, principalmente as mulheres. Sendo assim, muitas vezes o indivíduo passa a ter contato com o uso deste tipo de substância no próprio

contexto familiar e isto pode estimular o mesmo a fazer uso desta ou de outro tipo de substância psicoativa.

Além disso, é importante lembrar que o adolescente possui um relacionamento mais próximo com a figura materna (Ribeiro, 1992). Assim, a influência do comportamento da mãe sobre o filho pode ser mais acentuada, em vários aspectos, inclusive no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas. Neste sentido, por exemplo, um estudo realizado por Stephenson, Henry e Robinson (1996) com adolescentes, buscando verificar as relações entre as percepções dos adolescentes sobre as características familiares e o uso de substâncias pelos mesmos, constatou que a percepção dos adolescentes sobre o uso de substâncias pela mãe e a idade do adolescente foram caracterizadas como variáveis significativamente preditoras do uso de drogas pelos adolescentes.

Em linhas gerais, pode-se notar que no caso dos pais, em ambos os grupos considerados para a análise, identificou-se o consumo mais frequente de substâncias lícitas pelos mesmos, sendo estas frequências maiores para o grupo de usuários. Neste caso, pode-se dizer que o fato dos pais utilizarem este tipo de substância pode funcionar como um estímulo para os adolescentes começarem a fazer uso destas substâncias. Isso porque, se os pais fazem uso de álcool e/ou tabaco, por exemplo, como ele vai conscientizar o filho que utilizar estas substâncias não é adequado para a saúde dos mesmos? Neste caso, destaca-se a questão do papel dos pais, os quais funcionam como um modelo no processo de desenvolvimento dos filhos. Além disso, é importante observar que muitos pais encaram como algo natural o uso destas substâncias pelos adolescentes.

Entretanto, ainda sobre esta questão, o estudo realizado por Beutelspacher et al. (1994), identificou que 3,5% dos adolescentes pontuaram ter um irmão que faz uso de substâncias psicoativas. Neste caso, observou-se uma probabilidade 5,2% maior de consumo de drogas entre aqueles cujos irmãos utilizavam estas substâncias do que para aqueles cujos irmãos não utilizavam. Além disso, o uso de drogas pelo pai ou outro parente, também se associou significativamente à probabilidade de consumir drogas pelos adolescentes.

Neste sentido, Brook et al. (2001) também encontraram em seu estudo que o uso de drogas na família e o distanciamento nas relações entre pais e filhos podem atuar como fatores de risco no que diz respeito ao uso de drogas ilegais pelo adolescente.

Um outro estudo que encontrou dados nesta direção foi o realizado por Anderson e Henry (1994) com estudantes, no qual os resultados indicaram que a frequência de uso de substâncias pelos pais foi positivamente relacionada ao uso de drogas pelos adolescentes.

Por fim, em relação aos amigos, nota-se uma grande variabilidade de respostas para ambos os grupos de adolescentes, embora um percentual maior de adolescentes do grupo de usuários afirmou que possuem amigos que utilizam regularmente substâncias psicoativas. Contudo, apesar disso, as diferenças observadas entre os dois grupos de adolescentes no que se refere ao uso de drogas pelos amigos, apenas foram estatisticamente significativas em relação a determinadas substâncias como álcool, tabaco, maconha, cocaína, moderadores de apetite, lança-perfume e anabolizantes.

Este é um dado importante e que merece atenção, uma vez que segundo a literatura os amigos exercem um papel importante no desenvolvimento dos adolescentes, uma vez que em função do momento delicado pelo qual está passando, o adolescente busca uma nova forma de identificação, a qual ele encontra no grupo de amigos. Geralmente, nestes grupos, os adolescentes compartilham as suas dificuldades, as suas dúvidas, as suas descobertas e as suas alegrias, funcionando como um suporte social e emocional para os mesmos (González, 2001), além de uma fonte de compreensão. É no grupo de amigos que o adolescente se espelha para definir, muitas vezes, do que gostar e o que fazer, como por exemplo, o tipo de música que deve apreciar, a roupa que deve utilizar, o corte de cabelo que precisa usar.

Neste sentido, o grupo também pode influenciar diretamente no que diz respeito ao consumo de substâncias psicoativas, uma vez que se muitos no grupo utilizam estas substâncias, a tendência é pressionar os demais que não usam para começarem a utilizar, ou impor como regra para a permanência do indivíduo no grupo, o consumo de drogas. Se o adolescente não tiver uma boa preparação durante o seu desenvolvimento, o mesmo pode se deixar envolver pela pressão grupal e passar, por exemplo, a fazer uso de drogas para se sentir aceito, permanecer ou, até mesmo, para se tornar um membro do grupo (Antón, 2000).

Além disso, no estudo de Beutelspacher et al. (1994) estes constataram uma relação significativa entre ter um amigo que utiliza drogas e o consumo destas pelos adolescentes.

O presente estudo obteve ainda dados referentes ao relacionamento dos adolescentes com os pais e do relacionamento conjugal dos mesmos, segundo a visão do próprio adolescente, uma vez que segundo Ribeiro (1992), a qualidade destes relacionamentos e sua influência sobre o desenvolvimento dos filhos, no contexto familiar, têm sido bastante exploradas, uma vez que as dificuldades de funcionamento no contexto familiar estão muitas vezes relacionadas diretamente às relações estabelecidas entre os membros que compõem a família e não à composição da mesma (Costa,

Teixeira e Gomes, 2000). Além disso, estes mesmos autores enfatizam que a percepção que os adolescentes apresentam do relacionamento parental encontra-se associada ao nível de bem-estar dos mesmos.

Sendo assim, a Tabela 2, apresentada a seguir, traz a avaliação dos adolescentes a respeito do seu relacionamento com a mãe e com o pai, separadamente, além de apresentar a opinião dos mesmos sobre o relacionamento conjugal de seus pais.

Primeiramente, no que se refere ao relacionamento do adolescente com a mãe, os dados revelam que 45,8% adolescentes do sexo masculino e 44,7% dos adolescentes do sexo feminino do grupo de usuários avaliam o seu relacionamento com a mesma como sendo “ótimo”. Por outro lado, considerando-se o grupo de adolescentes não usuários, a mesma tendência é constatada, ou seja, tanto os meninos quanto as meninas deste grupo também avaliam o relacionamento com a mãe como “ótimo” (60% e 59,1% respectivamente).

Entretanto, comparando-se os dois grupos de adolescentes, pode-se dizer que, apesar dos dois grupos de adolescentes tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino avaliarem o seu relacionamento com a mãe como ótimo, verifica-se um percentual significativamente maior tanto de meninas quanto de meninos do grupo de adolescentes não usuários que avaliam o relacionamento com a mãe como “ótimo”, comparativamente com o percentual verificado para os meninos e as meninas do grupo de adolescentes usuários para esta mesma categoria ( $p < 0,01$ ).

Um outro dado que chama a atenção foram os obtidos para a categoria “regular”. Comparando-se a avaliação dos adolescentes de ambos os grupos segundo a distribuição por sexo, verifica-se uma porcentagem significativamente maior de adolescentes usuários do sexo masculino avaliam o seu relacionamento com a mãe como sendo “regular” (16,9%), comparativamente ao percentual verificado para os adolescentes do grupo de não usuários do sexo masculino para esta mesma categoria de avaliação (2,9%) ( $p < 0,05$ ).

Em relação à avaliação dos relacionamentos dos adolescentes com o pai, os dados revelam freqüências variadas para diversas categorias de avaliação. Observando-se os resultados constata-se que no que se refere ao grupo de adolescentes usuários, tanto os adolescentes do sexo masculino quanto os adolescentes do sexo feminino avaliam o seu relacionamento com o pai como sendo “bom” (32,2% e 30,3% respectivamente), diferentemente do que se observa no grupo de não usuários, uma vez que tanto os meninos quanto as meninas deste grupo avaliam o relacionamento com o pai como sendo “ótimo” (37,1% e 45,5% respectivamente) (diferença esta estatisticamente significativa –  $p < 0,05$ ).

TABELA 2

Avaliação do relacionamento dos adolescentes com o pai e a mãe bem como do relacionamento conjugal dos pais a partir da opinião dos próprios adolescentes que participaram do estudo, segundo determinadas categorias de uso e distribuição por sexo.

Relacionamento	Usuário (n=134)				Não usuário (n=57)			
	Masculino (n=59)		Feminino (n=76)		Masculino (n=35)		Feminino (n= 22)	
	f	%	f	%	f	%	f	%
<i>Mãe</i>								
Ótimo	27	45,8*	34	44,7*	21	60	13	59,1
Bom	20	33,9	24	31,6	10	28,6	6	27,3
Regular	10	16,9*	7	9,2	1	2,9	3	13,6
Ruim	0	0	0	0	2	5,7	0	0
Péssimo	1	1,7	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	2	2,6	0	0	0	0
Não respondeu	1	1,7	5	6,6	1	2,9	0	0
<i>Pai</i>								
Ótimo	18	30,5	16	21,1	13	37,1	10	45,5
Bom	19	32,2	23	30,3	13	37,1	8	36,4
Regular	13	22	18	23,7	2	5,7	2	9,1
Ruim	2	3,4	5	6,6	2	5,7	0	0
Péssimo	2	3,4	2	2,6	3	8,6	0	0
Outros	4	6,8	6	7,9	0	0	2	9,1
Não respondeu	1	1,7	6	7,9	2	5,7	0	0
<i>Conjugal</i>								
Ótimo	18	30,5	22	28,9	14	40	9	40,9
Bom	26	44,1	21	27,6	12	34,3	7	31,8
Regular	6	10,2	9	11,8	3	8,6	2	9,1
Ruim	2	3,4	5	6,6	3	8,6	0	0
Péssimo	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	1	1,3	0	0	0	0
Não vivem juntos	6	10,2	11	14,5	3	8,6	4	18,2
Não respondeu	1	1,7	7	9,2	3	8,6	0	0

\* Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos tomando-se por base a distribuição por sexo (Teste do Qui-quadrado).

Comparando-se os dois grupos de adolescente no que diz respeito a esta variável, nota-se uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos para a categoria “ótimo”, particularmente, no que se refere ao sexo feminino. Sendo assim, pode-se dizer que uma porcentagem significativamente maior de adolescentes do sexo feminino do grupo de não usuários avaliou o seu relacionamento com o pai como sendo “ótimo”, comparativamente ao percentual verificado para as meninas do grupo de adolescentes usuários para esta mesma categoria (45,5% e 21,1% respectivamente) (p<0,01).

Um outro dado interessante em relação à avaliação dos adolescentes sobre o seu relacionamento com o pai encontra-se na categoria “regular”. Uma porcentagem maior de adolescentes do grupo de usuários, tanto do sexo feminino quanto do masculino, avaliou o seu relacionamento com o pai como sendo “regular”, comparativamente às porcentagens verificadas para os meninos e as meninas do grupo de não usuários (p<0,05).

Por fim, é importante ressaltar ainda, os principais dados referentes à avaliação dos adolescentes sobre

o relacionamento conjugal de seus pais. Verificando-se os dados acima, observa-se que os adolescentes do grupo de usuários, tanto os homens quanto as mulheres, avaliaram, com uma frequência mais elevada, o relacionamento conjugal dos pais como sendo “bom”. Por outro lado, os adolescentes inseridos no grupo de não usuários, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, afirmaram mais freqüentemente que o relacionamento conjugal dos pais pode ser considerado “ótimo” (40% e 40,0% respectivamente).

Sobre o relacionamento conjugal dos pais, constata-se ainda que um percentual significativamente maior de adolescentes do grupo de não usuários, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, afirmou que o relacionamento dos pais é “ótimo”, comparativamente aos percentuais verificados para os homens e as mulheres do grupo de adolescentes usuários para esta mesma categoria de avaliação (p<0,05).

Refletindo sobre os dados acima descritos pode-se dizer, em linhas gerais, que os mesmos revelam uma avaliação positiva do relacionamento dos adolescentes com os pais e do relacionamento conjugal do casal, segundo as opiniões dos adolescentes.



Estes dados vão ao encontro do que Ribeiro (1992) constatou no seu estudo a qual notou que os adolescentes, de uma forma geral, avaliaram o relacionamento familiar de uma forma positiva, tanto em termos do relacionamento dos pais com os filhos (o qual foi caracterizado como “bom” e “ótimo”) quanto em relação ao relacionamento do casal (o qual foi avaliado pelos mesmos como satisfatório). Ainda, nesta mesma direção, o estudo realizado pelo IBOPE (1999) verificou também que o relacionamento familiar parece ser bastante positivo segundo a avaliação dos jovens.

Contudo, considerando-se o relacionamento com o pai e com a mãe separadamente, Ribeiro (1992) constatou que, o relacionamento com a mãe foi avaliado de uma forma mais positiva do que o relacionamento com o pai. Os dados obtidos no presente estudo caminham nesta direção, uma vez que foi possível notar que tanto os adolescentes do grupo de usuários quanto os adolescentes do grupo de não usuários, avaliaram o relacionamento com a mãe como sendo “ótimo”, enquanto no caso do relacionamento com o pai, os adolescentes avaliaram como “bom” e “ótimo”, respectivamente.

A avaliação mais positiva da mãe pode refletir um padrão comportamental que ainda existe em nossa sociedade, ou seja, que a “mulher é mais afetiva, empática, e o homem frio e racional. Conseqüentemente, a mãe é quem dá afeto aos filhos, é compreensiva, enquanto cabe ao pai a autoridade, colocação de limites e a imposição das normas sociais” (Ribeiro, 1992, 36). Neste sentido existem estudos que pontuam que a mãe é geralmente avaliada como sendo o genitor mais próximo do adolescente, com o qual o mesmo tem mais facilidade de manter contatos prolongados e íntimos (Costa et al., 2000), sentindo-se mais à vontade para discutir diversos assuntos e situações. Além disso, a presença da mãe é caracterizada como mais marcante no contexto familiar, principalmente, no que se refere às práticas educativas comparativamente à presença do pai.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos no presente estudo revelam que o uso de substâncias psicoativas por pessoas próximas aos adolescentes, como por exemplo, pais e amigos, pode funcionar como um estímulo para o uso destas pelos mesmos, uma vez que pais e amigos funcionam como modelos de identificação para os adolescentes. Assim, o uso de substância psicoativa pode ter início no âmbito familiar e precocemente. Além disso, não se pode deixar de mencionar um hábito comumente cultivado em nossa sociedade: a automedicação. A nossa sociedade parece viver um tipo de anestesia frente à dor, uma vez que ao menor sinal de desconforto

é comum observarmos a busca de algo que retire ou amenize o mesmo. Desta forma, tanto a criança quanto o adolescente convivem com este tipo de informação e observam os comportamentos dos adultos frente a estas questões, os quais podem legitimar com suas próprias condutas e estimular o contato com substâncias diversas dentro da própria família.

Um outro dado que chama a atenção refere-se à avaliação positiva que os adolescentes fazem frente aos relacionamentos avaliados (com a mãe, com o pai e o conjugal), fato este que indica a necessidade de um levantamento mais minucioso sobre esta questão em pesquisas futuras. Sendo assim, com a finalidade de aprofundar os dados obtidos seria necessário compreender o que os adolescentes levaram em consideração para realizar a avaliação dos relacionamentos enfatizados, ou seja, quais aspectos os mesmos ressaltaram para classificar o relacionamento com a mãe, por exemplo, como sendo “ótimo”.

Este é um dado importante, uma vez que diversos estudos apontam que a questão do relacionamento familiar pode funcionar tanto com um fator de risco quanto de proteção em relação ao uso de substâncias. Quando estes relacionamentos são adequados, a tendência é influenciar diretamente no bem estar do adolescente no contexto familiar e fora deste.

Assim, frente a estes resultados, nota-se a necessidade de mais estudos procurando compreender o papel da família enquanto um ambiente que pode apresentar tanto fatores de risco quanto protetores no que se refere ao uso de drogas. Desta forma é necessário compreender não apenas quais são estes fatores, mas também como reduzir os fatores de risco e priorizar os fatores de proteção neste ambiente.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, A. R., & Henry, C. S. (1983). Family system characteristics and parental behaviors as predictors of adolescent substance use. *Nurs Clin North Am*, 18, 2, 313-321.
- Antón, D. (2000). *Drogas: conhecer e educar para prevenir*. São Paulo: Scipione.
- Barbosa, M. T., Carlini-Cotrim, B., & Silva Filho, A. (1989). O uso de tabaco por estudantes de primeiro e segundo graus em dez capitais brasileiras: possíveis contribuições da estatística multivariada para compreensão do fenômeno. *Revista de Saúde Pública*, 23, 401-409.
- Barria, A., Queiroz, S., Nicastrí, S., & Andrade, A. (2000). Comportamento do universitário da área de biológicas da USP, em relação ao uso de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 27, 4, 215-224.
- Beutelspacher, A., Conyer, R., Romero, A., Alvarez, G., Mora, M., & Izaba, B. S. (1994). Factores asociados al consumo de drogas en adolescentes de áreas urbanas de México. *Salud Pública México*, 36, 646-654.
- Brook, J., Brook, D., De la Rosa, M., Whiteman, M., Jonson, E., & Montoya, I. D. (2001). Adolescent illegal drug use: the impact

- of personality, family and environmental factors. *J Behav Med*, 24, 2, 183-203.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 3, 465-473.
- Galduróz, J., Noto, A. R., & Carlini, E. A. (1997). *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e do 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo: CEBRID.
- Galduróz, J. C. F., & Noto, A. R. (2000). Uso pesado de álcool entre estudantes de 1º e 2º graus da rede pública de ensino em dez capitais brasileiras. *Jornal Brasileiro de Dependência Química*, 1, 1, 25-32.
- González, F. M. (2001). Prevención familiar del consumo de drogas. *Transtornos Adictivos*, 3, 4, 262-279.
- Guimarães, J.L. et al. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38, 1, 130-132.
- Horta, B., Calheiros, P., Pinheiro, R., Tomasi, E., & Amaral, K. (2001). Tabagismo em adolescentes de área urbana na região Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 35, 2, 159-164.
- Ibope. (1999). *Os jovens e as drogas: opiniões e atitudes*. pp. 2-31.
- Ivanovic, D.M., Castro, C., & Ivanovic, R. (1997). Factores que inciden en el habito de fumar de escolares de educación básica y media del Chile. *Revista de Saúde Pública*, 31, 30-43.
- Medeiros, E.H.G.R., & Chung, S.S. Um pouco sobre as drogas e sua relação com a adolescência. Disponível em: <http://www.brazilpednews.org.br/dezem99/ar9904.htm>
- Muñoz Rivas, M. J., Rodriguez, J. A. C., & Gómez, J. L. G. (1999). Consumo de drogas en adolescentes de la Comunidad de Madrid. *Adicciones*, 11, 4, 311-322.
- Muza, G., Bettioli, H., Muccillo, G., & Barbieri, M. A. (1997). Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Revista de Saúde Pública*, 31, 1, 21-29.
- Nunes, S. et al. (1999). A história familiar e a prevalência de dependência de álcool e tabaco em área metropolitana na região Sul do Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26, 3, 84-89.
- Rebolledo, E., Medina, N.M., & Pillon, S.C. (2004). Factores de riesgo asociados al uso de drogas em estudantes adolescentes. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 12, 369-375.
- Recio, J. (1999). Familia e escuela: Agencias preventivas en colaboración. *Adicciones*, 11, 3, 201-207.
- Rezende, M. M. (1997). *Curto-circuito familiar e drogas: Análise de relações familiares e suas implicações na farmacodependência*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 1997.
- Ribeiro, M. A. (1992). Relações familiares: a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 9, 1, 1-134.
- Sáiz, P. A. et al. (1999). Consumo de alcohol, tabaco y otras drogas y rasgos de personalidad en jóvenes de enseñanza secundaria. *Adicciones*, 11, 3, 209-220.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10, 3, 707-717.
- Scivoletto, S., & Morihisa, R. (2001). Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência. *Jornal Brasileiro de Dependência Química*, 2, 30-33.
- Silva, V. A., & Mattos, H. F. (2004). Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In Pinsky, I., & Bessa, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas* (pp. 31-44). São Paulo: Editora Contexto.
- Stephenson, A. L., Henry, C. S., & Robinson, L. C. (1994). Family characteristics and adolescent substance use. *Adolescence*, 29, 114, 405-420, Summer.
- Suárez, R. E., & Galera, S.A.F. (2004). Discurso de los padres sobre el uso de drogas lícitas e ilícitas percibido por estudiantes universitarios. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 12, 406-411.
- Toscano Jr., A. (2001). Adolescência e drogas. In Seibel, S.D., & Toscano Jr., A. (Ed.). *Dependência de drogas* (pp. 283-302). São Paulo: Atheneu.
- Vakalahi, H. F. (2001). Adolescent substance use and family-based risk and protective factors: a literature review. *Psychiatr. Infant*, 26, 1, 237-255.
- Wagner, A., Ribeiro, L.S., Arteche, A., & Bornholdt, E.A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 1, 147-156.

Recebido em: 25/07/2007. Aceito em: 27/02/09.

#### Autores:

Elisângela Maria Machado Pratta – Mestre em Ciências – área de concentração: Psicologia. Departamento de Psicologia e Educação, NEPP – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia Clínica – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP. Doutoranda em Ciências, Área de Concentração Psicologia nesta mesma instituição. Filiação Institucional Universidade Camilo Castelo Branco – Campus Descalvado – SP. Manoel Antonio dos Santos – Doutor em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – Departamento de Psicologia e Educação, NEPP – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia Clínica. Filiação Institucional: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Departamento de Psicologia e Educação

#### Endereço para correspondência:

Elisângela Maria Machado Pratta  
Rua XV de Novembro, 2378 apto 12, Ed. José Alfredo – Centro  
CEP 13560-241, São Carlos, SP, Brasil  
E-mail: emmpsic@terra.com.br